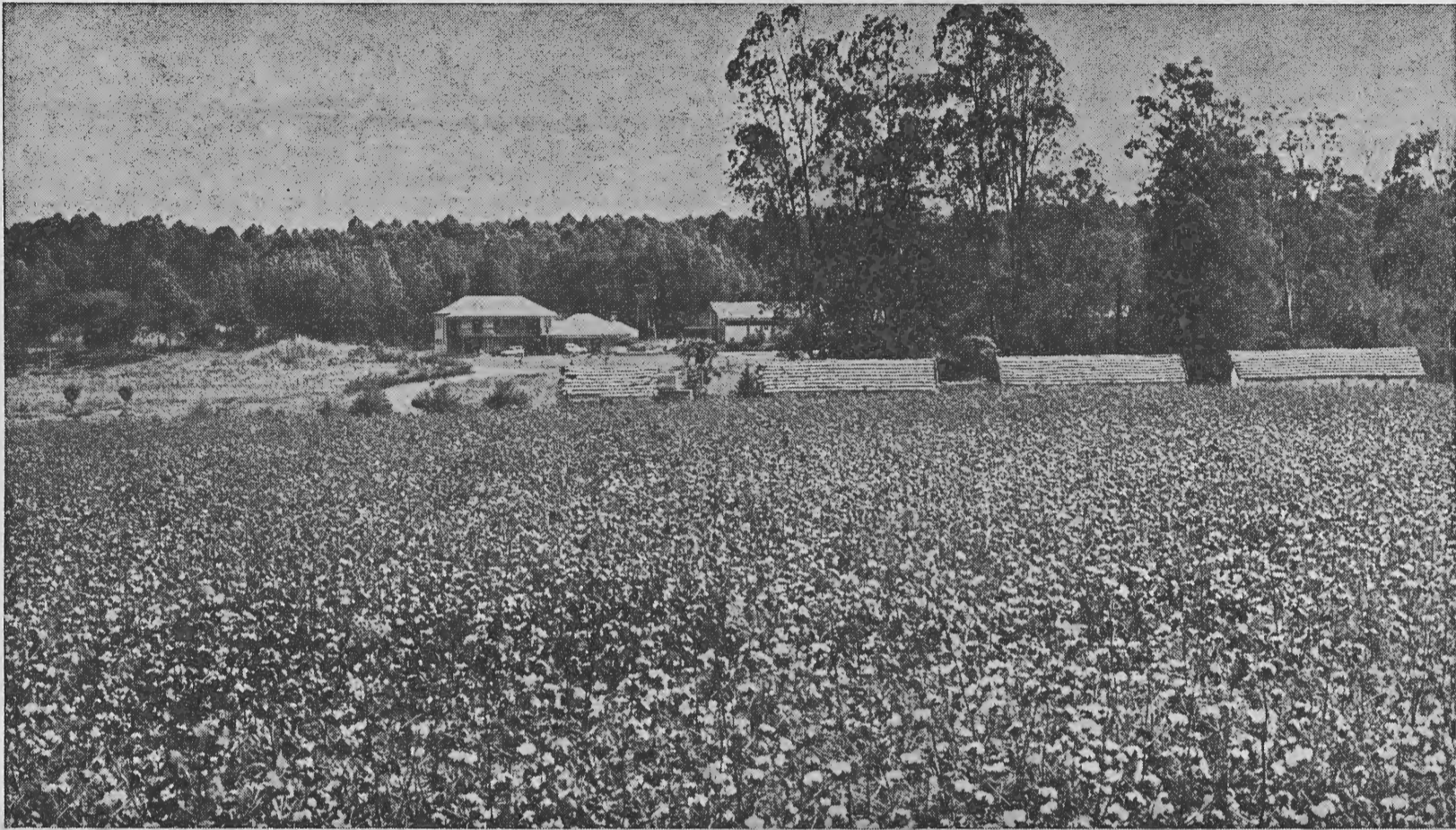




O Gaiato

11 DE DEZEMBRO DE 1971
ANO XXVIII — N.º 724 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Uma bela panorâmica da nossa Aldeia, de Malanje — por sobre um campo de algodão.

Tribuna de Coimbra

Quando em Julho vos demos a notícia do alvoreço daquela noite em que mudámos os animais para as suas novas instalações e que os porcos, enchendo treze currais, faziam uma tremenda sinfonia de vozes berradas ao sentirem, no corredor, os dois pequenos tratadores, não imaginávamos que, passados três meses, vos havíamos de comunicar que a peste suína africana os victimaria todos numa semana.

Foi uma semana dolorosa. Os primeiros sintomas da doença. O recurso à Pecuária. Os recados a Veterinário amigo. Todo o tratamento que foi possível aplicar-lhes. As porcas cheias. Os porquinhos a nascer. O sofrimento. A morte. A cova. O enterrar. As desinfecções. A tristeza de todos.

Ficou tudo vazio. Ficaram as rações. Ficaram os nossos restos. Ficou o cheiro a remédios. Ficámos seis meses sem os poder ter. Ficámos sem carne que era o nosso forte. Ficámos sem uma boa receita com que

Continua na QUARTA página

M A L A N J E

JA que ando em maré de quintas e de encantamento — continuo.

Do Indico ao Atlântico, voei por cima de terras estranhas que os sonhadores do «mapa cor de rosa» ambicionaram nossas; e não as vi, por causa da altitude e da hora, mas sei-as possuídas, em sua maior parte, por quem realizou frutuosa ocupação.

Também eu sou do sangue dos sonhadores e sonho ocupação. Como resistir, pois, ao encanto da posse consumada pelo trabalho dos nossos padres em Casas de África, com a colaboração incontável da Família de dentro e de fora?!

São cinco e meia da tarde. Acabou a faina. O sol já não se vê, mas afirma-se no poente cada minuto mais lindo até à definição das trevas, que caem verticalmente.

Da Escola saíram os da tarde. São duzentos e trinta nas duas metades do dia. Pelas picadas, em direcção a Candemo e a Camisais e pela estrada de asfalto a caminho do Culamuxito, filas de vultos brancos. É das batas que vestem os pequeninos negros. Aqui todo o contraste é harmonia — bendito seja Deus!

Como acontecerá em Lourenço Marques, também em Malanje a varanda do escritório do padre, é verdadeira ponte de comando, debruçada sobre a grande nau que lhe compete pilotar.

Há nove anos, quando aqui entrei a primeira vez com P.e Horácio, abríamos o capim às braçadas, como quem nada, e subíamos a qualquer pequenino morro de salalé tentando adivinhar a geografia do local. Viemos há oito para ficar. Estão perto de duzentos hectares desbravados e cultivados. Um tractor rasga a terra e continuará durante a noite com outro timoneiro, que o Fiat está descalço e um par de pneus novos vinha desequilibrar neste momento, a nossa frágil balança de pagamentos. Deus conserve o Nuffield de boa saúde e volte o coração dos Administradores da Mabor cá para esta banda! Prepara-se a terra pró algodão. Ao lado são 14 hectares de tabaco. Ao fundo 32 de milho, cujo fim se não alcança da varanda onde, de quando em quando, me venho debruçar. Na baixa semeou-se o arroz. O resto da mar-

gem esquerda do rio Culamuxito fica pró girassol. A horta em primeiro plano e em grande forma. A encosta da outra margem, já desbravada, será a pastagem do nosso gado.

Quanto suor não tem regado estas terras! Quantas humilhações a não fecundam! Mas oito anos de vontade firme, persis-

Continua na TERCEIRA página



Está aí a chegar o Natal. O significado profundo do acontecimento comemorado quase se dilui ou passa despercebido à maior parte das pessoas. Quanto muito importam os feriados ou «pontes» estabelecidas, o relembrar da meninice para os mais velhos e os doces e os brinquedos para as crianças. Sendo tipicamente a festa da família e estando esta em crise espectacular, não admira, pois, que o Natal nada diga à maloria e que até os próprios cristãos se fiquem em atitudes de piedade mera-

mente exteriores, com árvores e presépios à mistura, sem repercussão vital.

E, no entanto, o facto que se pretende relembrar, virou a face da terra, pelo aparecimento no meio de nós do Homem-Deus, que veio por Amor e para salvação de toda a Humanidade, sem acepções de qualquer espécie e procurando inculcar em todos uma Vida nova.

Como de costume vão surgir muitos bodos, muitas distribuições de brinquedos e de géneros; grupos de «bondosos» senhores e senhoras vão fazer

lindos discursos e os jornais darão disso conta. Falar-se-á dos Pobres e das suas necessidades como em nenhuma outra época do ano; as festinhas multiplicar-se-ão. As injustiças, no entanto, continuarão; as grandes diferenças sociais, tremendas e inadmissíveis, serão mantidas; a justiça comutativa e social não terá parte nas preocupações do maior número; planos grandiosos de investimento de capitais serão gisados, em que os poderosos se

Continua na TERCEIRA pag.

ALGERUZ (Setúbal) * BEIRE (Paredes — Douro) * BENGUELA (Angola) * Cumeada — COIMBRA * R. Ricardo Espírito Santo, 8 r/c D.to — LISBOA * MALANJE (Angola) MIRANDA DO CORVO * PAÇO DE SOUSA * Rua D. João IV, 682 — PORTO * SANTIAGO DO INFULENE (Lourenço Marques) * SANTO ANTÃO DO TOJAL (Loures) * Largo das Areias — SETÚBAL



PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

Vem aí o Natal — À hora em que escrevemos (data da saída do número anterior) não registamos, ainda, ressonâncias ao SOS para a Consoada. Mas os nossos amigos não faltam! Estão sempre presentes na altura própria.

Pobres — Fomos, agora, surpreendidos com a ida de um dos nossos Pobres para o Céu. Um entrevado. Mais um a juntar a tantos outros que passou pelas nossas mãos pecadoras. E, agora, junto do Pai Celeste, é o melhor Fermento para a continuidade e eficácia da nossa acção.

Este é o mês-das Almas. Não deixámos, por isso, de lembrar junto do altar, todos e cada um dos que, ao longo de quase trinta anos, aliviaram a sua cruz com a nossa insignificante — mas amiga — presença de recoveiros. Desde o velho amigo Sr. Tomás — que foi motivo do Património dos Pobres... Que fogo ele despertou — pela mão carismada de Pai Américo — até hoje, até sempre!

O que recebemos — Como na quinzena anterior, só três presenças! Mas presenças vivas, interessadas — amigas.

A primeira é a assinante 17740. Tão assídua!

A segunda, de Gaia, rua Gil Eanes, com um vale de correio dirigido mesmo à nossa Conferência.

A terceira, de muito longe — do outro lado do Atlântico — Vancouver, Canadá. Uma carta por via aérea, registada, com 10 dólares canadianos.

Para todos, muito obrigado e votos de Santo Natal e Ano Novo.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

Natal — Estamos próximos deste grande Dia — que desejamos chegue depressa. É o Dia em que as famílias se unem para comungar a festa do nascimento de Jesus.

Ora nós também nos reunimos fraternalmente — e religiosamente — para festejar a data. E teremos, como é costume — velho costume no norte do País — batatas com bacalhau e doçaria. Ofertas que nos chegam — para passarmos as Festas com alegria.



Regresso — Esperamos com grande ansiedade o regresso do sr. padre Carlos, dum longa e demorada viagem de trabalho pelas nossas Casas de África. Que regresso com alegria — pois vamos recebê-lo de braços abertos.

Tipografia — Este ano, ingressaram na Tipografia — como aprendizes — mais quatro Rapazes: «Quim do Porto», «Campanera» e «Mamadú» — para a Composição; e Mário (que foi sapateiro) — para a Impressão.

Desejamos, a todos eles, bom aproveitamento e bom futuro, na arte que escolheram e abraçaram — de livre vontade.

Casamento — No dia 27 de Novembro, casou-se na igreja paroquial de Paço de Sousa, o nosso Manuel (Nelo).

É nosso — de Paço de Sousa — e fora escolhido como fundador de uma das nossas Casas de África. Porém, depois de cumprir o serviço militar, regressou à metrópole.

Desejamos, ao novo casal, votos da maior felicidade.

Gripe — A epidemia de gripe bateu à nossa porta. E consegui entrar! Já estão de cama — espalhados pelas casas da nossa Aldeia — alguns Rapazes; porque as obras de remodelação do nosso hospital ainda não foram concluídas! E esperamos terminem depressa. Estão muitos já a respirar (e, infelizmente, outros a «ambicionar»!) a sua gripezita...

Festas — Continuam os complexos preparativos para mais uma digressão pelo norte do País. O interesse da malta — como habitualmente — é muito razoável. E que seja assim até ao fim — para que não haja «barracada». Os nossos Amigos merecem tudo da nossa parte.

Música — Há tempos que o nosso organista se dedicava, a fundo, à aprendizagem de viola. Até já havia composto umas baladas... Mas, no auge da aprendizagem, ficou sem viola!! Não lhe pertencia. Era emprestada...

Os senhores — ou senhoras — que tiverem alguma escondida nos vossos gavetões, tenham a bondade de se lembrar dos amadores de música cá do sítio. Aliás, uma viola é um instrumento musical quase indispensável ao conjunto musical do nosso elenco artístico.

Esperamos. E com muita fé. Os senhores (ou as senhoras) têm a palavra. Muito Obrigado.

Álvaro de Jesus Candeias

Guiné

Dia de Fyéis Defuntos / 71

«... E quando mais nada restará para sempre, eterna e duradoura, a lembrança daqueles que nos foram queridos e que já partiram...»

Morreu o Mendes Ribeiro. «Morto em combate na Guiné», como dizia a notícia inserida nas páginas do «Diário Popular». Para nós, que vivemos uma vida idêntica à que o Mendes Ribeiro vivia e sabemos com exactidão como os acontecimentos ocorrem, não foi apenas um rapaz, alto e moreno, na força da juventude, que partiu. Foi, sim, e, sobretudo, um profundo e leal amigo que deixou para sempre o nosso convívio. Conheci-o perto do Porto quando a minha companhia se preparava para vir para o Ultramar. Conheci nessa altura um rapaz humilde, simpático, nada dado a inimizades, que discretamente sempre se afastava quando a discussão se acendia demasiado. Conheci, sim, um rapaz sempre preocupado em fermentar, entre nós, um clima de franca camaradagem e amizade. Os tempos correram céleres, e durante meses não o tornei a ver. Soube que havia partido para a Guiné.

Em Julho do ano passado, vi-o pela primeira vez, quando a minha companhia seguia em patrulhamento. Foi num embarcadouro e cais, onde os barcos fretados ou das Forças Armadas atacam, transportando géneros e material para as tropas. Com ele, naquela altura, me entretive a conversar e a rir durante uns largos momentos. Revivo ainda uma outra vez quando, algures, fui buscar mantimentos e material. Foram as únicas duas oportunidades que tive de com ele contactar desde que me encontro nestas paragens. Há dias, quando, pela terceira vez, fui ao local do nosso último encontro, em serviço do sector de que actualmente faço parte, estranhei não o ver. Perguntei e recebi a notícia de chofre: «Foi atingido numa operação e está em estado de coma». A coisa aconteceu precisamente nesse dia. O Destino faz-nos disto! Se tivesse vindo um pouco mais cedo, ainda o teria visto. Preferi assim. Estou convencido de que não seria capaz de assistir a esses derradeiros instantes em que a vida fugaz dum grande amigo se escoia lentamente. Morreu, passadas algumas horas.

É mais um rapaz, um homem, brutalmente arrancado ao seio da família e de todos aqueles que muito o queriam e que, certamente, não se teriam poupado a esforços e sacrifícios no sentido de lhe darem uma situação privilegiada na vida. Pouco sabia da vida dele, nem neste momento me interessa aprofundá-la; mas sei, porque uma vez ouvi

da boca dele, ser de família humilde, como humilde e simples ele sempre foi — nos momentos em que o conheci.

Certamente teria a noiva à espera e os imensos amigos que um rapaz destes sempre tem, contando pelos dedos o pouco tempo que lhe faltava para aquele momento almejado de o abraçarem e com ele repartirem intensa e viva alegria de o terem já junto a si. Mas não. O Destino preferiu assim. O Mendes Ribeiro, certamente (poucas dúvidas tenho!) estará hoje na «terra onde só a Verdade e o Amor existem».

Sinto-me de luto, um luto sem pretos, mas sentido pela desapareição dum amigo que tão cedo não se esquece. E nesta hora que passa sinto-me intensamente ligado a todos os seus familiares e amigos, com quem não pude contactar, aos quais endereço os meus mais profundos sentimentos pela tristeza da desapareição brusca e repentina do seu Mendes Ribeiro. Se alguém ou mesmo nenhum deles ler este pequenino apontamento, resta-me, pelo menos, a intenção e o desabafo de o ter feito em sua homenagem.

Rogério

MIRANDA DO CORVO

Agricultura — Nós, na agricultura, estamos atrasados. Ainda não começámos a semear as favas, nem deitámos as sementes à terra, nem plantámos as couves! Também está a chegar o tempo de começarmos a apanhar a azeitona, mas também vai se Deus quiser, desde que haja boa vontade. A azeitona este ano é pouca.

Gado — As nossas galinhas deixaram de pôr ovos; mas também há as novas para substituir as velhas que agora se vão comendo e vendendo juntamente com os frangos de carne. Também cá temos pintainhos que agora se vão criando ao calor, para depois substituir os que já comemos e vendemos.

Carlos

Obras — Andamos já há bastante tempo a construir uma casa que será para os nossos mais pequenos. A casa ficará com dois pisos. Em baixo, uma cozinha e uma lavanderia; em cima, uma sala de costura, dois quartos de banho, dois quartos de dormir e um dormitório para os mais pequenos.

Leia e divulgue «O GAIATO»

Ainda não acabámos esta obra e deixámo-la para irmos acudir à nossa copa, à cozinha, aos balneários. Na copa pusemos um termo-acumulador novo para aquecer água para toda a gente tomar banho em água quente, porque vem aí o inverno. Da cozinha tirámos o velho fogão a lenha e pusemos um grande fogão a gás que nos veio da nossa Casa do Gaiato de Setúbal onde se passará a fazer o comer.

Nos balneários fizemos um geral alargamento, porque a gente que cá está já não cabia nos pequenos balneários que tínhamos. E, depois do renovamento destas casas, vamos ao alargamento da nossa sala de jantar, que também já é pequena para toda a gente. Depois destas obras feitas recomencemos com a casa dos mais pequenos, que lhes está a fazer muita falta e que, pelos vistos, ficará muito jeitosa e muito bonita. No fim dela estar pronta, diremos — «que linda casa!».

Flávio

Rouparia — Têm cá vindo todas as semanas umas Senhoras de Miranda e, de vez em quando, Senhoras de Coimbra remendar a nossa roupa. Já chegou o inverno. Todos andam calçados e de calças compridas. Quem romper as calças anda de calções; e quem estragar o calçado anda descalço...

Tino

Natal — Ainda falta um mês para o nosso grande dia que é o Natal; mas já toda a gente fala nele; tudo a dizer: «O que será que eu vou receber como prenda de Natal?». E não só isso. Também perguntam: «Quando começam os ensaios para a festa do Natal?». Todos querem entrar na festa!

Manuel Claro

A Venda do Jornal no Norte do País

Vou procurar contar, resumidamente, como tem corrido a nossa Venda do Jornal no Porto e no Norte do País.

Meus queridos amigos, tem subido pouco! E talvez por nossa causa... É preciso nós querermos mais, muito mais!

A última venda, porém, já trepou um nadinha. Principalmente em acréscimos. As próximas serão maiores, com certeza, porque está a chegar o Natal...

As jornadas dos meus colegas que vão para fora do Porto — Viana, Aveiro, Póvoa de Varzim, Ama-

Continua na QUARTA página

Ultimamente surgiram leituras com pedidos urgentes de «Isto é a Casa do Gaiato», 1º volume, para oferecerem — como prenda de Natal — aos seus amigos e familiares. São requisições que muito nos satisfazem. Tanto pela oportunidade como pelo interesse que revelam:

Af vão — sem escolha de maior — presenças deste género. Comecemos por Paço d'Arcos:

«Muito agradecia me enviassem o livro do Pai Américo («Isto é a Casa do Gaiato»). Como nada posso, pode ser o primeiro. Mas se tiverem mais que um volume, podem também enviar.

O pagamento pode ser à cobrança, ou eu envio em vale do correio. Gostaria que enviassem o mais rápido possível, pois talvez eu sinta a necessidade de o oferecer a amigos meus pelo Natal, alguns livros desses, pois creio que nos vai fazer bem lê-los.

Desculpe ir assim tão mal escrita, mas Deus também Escreve de maneira que muitas vezes não entendemos.

Vossa amiga do coração...

● «TRATADO»
DE AMOR E SOLIDARIEDADE HUMANA»

A preferência não é só para o «Isto é a Casa do Gaiato». Mas para todas as obras que atestam o pensamento de Pai Américo. Como esta, de um alto funcionário público, da capital:

«F., com os melhores cumprimentos, agradece a remessa de um exemplar do livro «A Porta Aberta», que deseja oferecer a pessoa amiga, para que conheça a pedagogia do Padre Américo e tenha à mão o mais terno e o mais palpitante e vivo «tratado» de amor e solidariedade humana...»

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página tida «in nomine Domini», bastaram para ressuscitar estes «muxitos» capazes de dar ao homem mais do que o capim estéril que durante séculos produziram.

Em volta de nós os Serviços de Agricultura e Florestas desmatam e plantam eucaliptos. Os hectares ali contam-se aos milhares; as árvores aos milhões. Congratulamo-nos. É mais terra tornada útil, a reclamar a vinda para breve da falada Celulose. Mas é impossível não olharmos cobiçosos para aquele esquadrão de tractores pesados, dos quais alguns seria justo darem um bocadinho da sua força aos esforçados empreendedores da ocupação desta terra, que só possuída é verdadeiramente nossa. P.e Telmo pediu. Vamos a ver. P.e Telmo sonha com um desses tractores que lhe permitisse sem constante mão estendida e esperas tão importunas, a desmatagem e a aragem dos quase oitocentos hectares que

AS NOSSAS EDIÇÕES

O «Isto é a Casa do Gaiato»

como prenda de Natal

Estas notícias — como mostra — rascunhadas, por necessidade de serviço, quase um mês antes do Natal, são já um bom aperitivo. Se as previsões não falharem, hão-de vir outros por aí fora — com o mesmo objectivo. Uma das mais oportunas modalidades de difusão das obras de Pai Américo!

● «DÁDIVA PROVIDENCIAL»

Entretanto, apartámos ainda — da correspondência que dia a dia enche a nossa mesa de trabalho — outros motivos de interesse. Paremos um nadinha e escutemos um assinante de Bristol, Estados Unidos:

«No regresso duma viagem em romagem de saudade à nossa terra natal (Açores), encontrámos aqui em casa o livro «Isto é a Casa do Gaiato».

Foi uma dádiva providencial. Depois de avivarmos o amor pátrio, que durante anos se alimentou só do pensamento, era aquela realmente a leitura que necessitávamos para justificar algumas lágrimas deixadas à despedida, que quase nos envergonharam.

Somos já crescidos e amadurecidos pelas arrellas da vida.

Temos três filhos pequenos que são a nossa maior riqueza. Eis a razão principal porque sempre nos agrada ler os escritos do nosso inesquecível Pai Américo.

nos pertencem, mas falta ainda possuir. Sonha... mas não são sonhos cor de rosa, nem miras de utopia. Estraga-se tanta coisa; desperdiçam-se por omissão tantos valores; extinguem-se inutilmente tantas verbas que um prazo quase obriga a gastar... E depois, um tractor pesado não é cápsula lunar! São uns centos de contos que irão multiplicar-se em valores humanos — que o nosso lucro é esse; outro não visamos! Nós não os temos, mas há tanto por aí...! Menos um ou dois carros escandalosos em qualquer parte do mundo, onde a fome reina, e mais no nosso País em evolução e esforço de posse... — e aí temos muitos mais «cavalos», não luxuosamente carroçados para a estroina, mas disponíveis em sua nudez, para um efeito incomparável, para um serviço verdadeiramente a bem da Nação.

Quem, particular ou oficial, ouve este clamor que solto em nome de P.e Telmo — e lhe dá o sim?

Do grande exemplo que nos deixou, lutando pelo justo lugar duma criança na vida, tiramos nosso alento para lutarmos constantemente pelo bem estar dos nossos filhos e assim evitar que um dia passem pelo muito que já passaram os Gaiatos de Pai Américo.

Quando tento explicar aos meus filhos porque as crianças que as gravuras apresentam um dia passaram fome, não tinham que vestir e ainda eram maltratadas por uma sociedade que se diz civilizada... arregalam os olhos e dizem:

— Papá, porque não os manda vir para nossa casa? Comerão e vestirão connosco e ainda os levaremos para a escola...

Em paga pelas suas inocentes receitas para resolverem tão magno problema, beijo-os sôfregamente. Assim julgo que estou beijando todos os gaiatos, por quem Pai Américo deu o melhor da sua vida.»

Aí temos um quadro vivo duma Família cristã!

● «GOSTAVA DE LER TODOS OS LIVROS»

Para finalizar, só mais um postal — das bandas de Rio Maior:

«Serve este meu postal para pedir o favor de me informar como é que hei-de mandar vir essas belas obras que tanto

gostava de ler. Como sabe, já devo assinar «O Gaiato» talvez desde o princípio. Sou pobre. O meu marido ganha pouco. E anda sempre doente. Ainda tenho um sobrinho a meu cargo...

Gostava de ler todos os livros. Mas devem ser caros. Queria saber como os hei-de pagar. E se podem ser pagos a prestações. Se eu fôsse rica, dava tudo e não regateava preço... Queria era lê-los...»

Já foi servida — sem condições! Como, aliás, é nosso critério — desde sempre. No entanto, apesar dos sucessivos esclarecimentos sobre o número de obras editadas por Pai Américo e até sobre as retribuições, informamos — uma vez mais — todos os amigos, que os pedidos podem ser feitos por um simples postal do correio. E as retribuições com a importância que entenderem (sublinhamos propositadamente), dirigidas por carta registada, vale do correio ou cheque (como for mais fácil e seguro) à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA.

Júlio Mendes



SETUBAL

Há tempos eu chegara a Casa afadigado com muitos afazeres iminentes e procurava ver rapidamente os problemas das escolas, do 1.º ciclo que aqui funciona pela T V, dos restos da colheita e preparava-me para sair de novo quando um Rapaz me interpela: — Está ali um Senhor Professor que lhe quer falar.

Sem tempo atendi o senhor rapidamente.

Era simples o que me queria: — «Desejava ajudá-lo», disse-me. Sou professor mais minna esposa, temos os nossos filhos, mas somos leitores de «O Gaiato». Posso dar-lhe algum tempo a fazer o que quiser.

Foi uma lufada do Espírito que me entrou pela alma dentro. Interiormente ergui as mãos em acção de graças e respondi: — Sim Senhor, tenho Rapazes nos cursos nocturnos com dificuldades no Português e na Matemática. Venha ajudá-los depois do trabalho e antes das aulas!... Das 18 às 19 horas.

E têm vindo. Ensinam Português e Matemática.

Dividiram os Rapazes. Ouviram-nos. Atenderam as suas dificuldades. Marcaram os lugares e os dias. Agora eu nem dou por eles!

Os Rapazes dão-me notícia da sua alegria pela ajuda encontrada.

Um casal jovem que deseja afirmar a sua actualidade pondo-se ao serviço do Reino!

Para eles o ser cristão é uma exigência. O Evangelho que vivem e desejam propagar impede-os de absorverem o tempo, com aulas, explicações ou outros «biscatos» na ansia de melhorarem o seu nível de

vida, a sua situação económica, a sua posição social ou a sua cultura como tanta gente faz.

O ser cristão para eles é um compromisso natural a que não podem fugir sob pena de traição ou infidelidade.

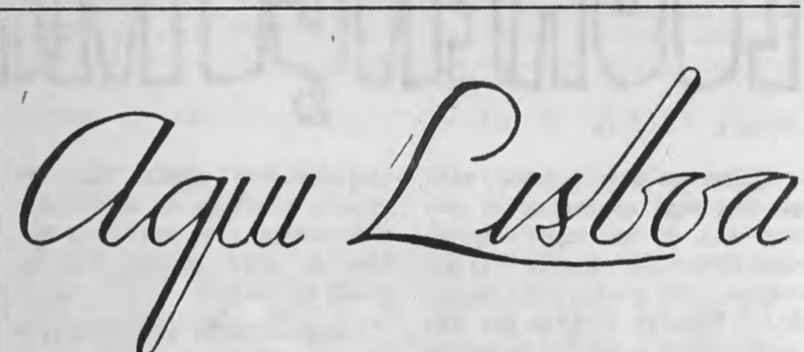
Ser cristão é ter o dever e a responsabilidade de promover os outros!

Este casal quer dar dando-se. Ele sabe que a promoção

dos homens não depende somente dos bens materiais oferecidos mas muito especialmente do amor posto na oferta. Sabe que a grande dificuldade posta hoje aos construtores do Reino é a mingua de construtores. Não de mercenários.

Dar tempo é dar vida! Só com vida se redimem vidas.

Padre Acílio



Cont. da PRIMEIRA página

tornarão mais ricos e os Pobres mais miseráveis; multiplicar-se-ão os gestos dos «beneficentes» dos Pobres ou das instituições de beneficência ou as ajudas maiores ou menores à Igreja, pretendendo como que comprar o Céu, enquanto se encobrem as obrigações de justiça com pseudo-actos de caridade; o dinheiro continuará a correr ao serviço da perversão dos inocentes, com as leituras mais dessorantes, os espectáculos mais degradantes e a expansão dos estupefacientes e de outros agentes do mal; os negócios fáceis e escuros estarão na base de muitas questões; à Fazenda Nacional continuarão a ser subtraídos mi-

lhões e as transferências dolidas, com graves prejuízos para o povo, não estancarão com facilidade. E pronto, para o ano vem mais um «natal» e o Mundo continuará apesar de tudo, sem NATAL.

x x x

Quaisquer dúvidas ou reclamações a propósito de assinaturas pagas no Tojal ou em Lisboa poderão ser dirigidas para Santo António do Tojal — Loures.

Padre Luiz



É com um cartãozinho da assinante 7451, que inicio esta rubrica:

«Amigos — com grande alegria lhes envio este cheque, produto da venda de um casaco de peles que me tinham oferecido e que não usava por considerar um luxo. Confesso que tinha uma certa tentação em ficar com uma pequena parte, mas não sendo para necessidades penso que tudo é pouco para os gaiatos.»

Como sempre peço as vossas orações e agradeço todo o bem que nos têm feito.»

Foi uma renúncia que, nos tempos actuais, sabe e faz bem. Foi um acto heróico o seu, minha senhora. O Senhor tê-lo-á em conta, estamos certos disso.

Sufragando a alma de D. Júlia Martins Braga, 200\$ da firma Mário Costa & C.ª L.da, e igual quantia do Pessoal da mesma firma. Dum aumento de ordenado, 200\$. Vários livros escolares, do Porto. Da Quinta dos Congregados, de Braga, roupas. 100\$ em selos de correio, oferta mensal da Amadora. Medicamentos de algures. Do aluguer de um mês, 100\$. Da mesma pessoa um aumento de ordenado de 200\$. Mais vestuário de Lisboa e do Porto. E 1.600\$ dum assinante, que anualmente nos visita no dia 28 de Outubro.

Isabel, envia-nos 50\$, para ajuda de objectos escolares. 500\$ do Porto. Mais 300\$ de algures. E 3.226\$30 que nos envia «a Sintrense do costume, produto de uma recente melhoria de situação profissional». Anónimo com 200\$. Mais roupas de Lisboa, Moçambique, Porto, Amadora, Matosinhos e da América. Mais um volume de tecidos vários, de quem, todos os anos, nos lembra nesta época. António, presente como sempre. Mais anónimos,

Do que nós necessitamos

com 200\$, 100\$, 50\$, 100\$ e 500\$. Parte do primeiro ordenado duma professora primária, 982\$00. De Barcelos, uma máquina de costura Singer. «Uma Mãe e duas filhas», com 300\$.

Dez contos, em notas de mil, retirados da caixa das migalhas que vós deixais, e que se encontra na nossa Capela, junto ao túmulo de Pai Américo. Por alma de Cândido Batista, 50\$. Assinante de Rio Tinto, com a presença mensal de 100\$. Mais duas presenças da Amiga do Henrique, de 47\$50 e 120\$. Duma prima da mesma pessoa, 50\$ e por uma intenção particular, 150\$. Ana Maria, de Tomar, com selos. 600\$ e roupa, da Fig. da Foz. Ass. 14305, com a legenda

«Ame o seu Pobre» 20\$ mais 20\$. Várias joias, duma anónima de Esmoriz. Mais 1.000\$ de anónimos e «Uma Mãe» com 100\$.

Novamente o padrinho do «Eusébio», presente com 350\$. «Da Mãe que crê em Deus», 120\$ para o quarto do velhinho do Barredo. E 100\$ destinados ao Barredo. Mais pacotes de roupas várias, calçado, brinquedos, de Lisboa, Castelo Branco, Ermesinde e Figueira da Foz. 50\$ de Alcobaca. 300\$ de um aumento de ordenado. «Viúva Amargurada» com 200\$. Anónima da Lapa com 20\$, pelo regresso feliz do seu marido, que se encontra no Ultramar. 1.000\$, entregues à porta do Lar, de D. Maria Argentina. De Rio Tinto, 100\$.

Ass. 11151 com 300 angolares. Caldas da Rainha com 250\$. «Tenho 9 anos e fiz umas rifas com os meus primos. Ao todo somos 16. E mandamos os 100\$ para o Gaiato. Teresa». Bem hajam, amiguinhos, e o Senhor vos ajude.

«Obra de Deus, para os Pobres», com a presença de 2 meses. São 40\$ de cada. De Fiães, uma assinante lendo que o nosso Hospital estava em obras, vem em auxílio com 500\$. De I. F. P. 50\$. Em cumprimento duma promessa, 5.000\$. Do «Casal muito amigo», de Santarém, o abono de sua filha, dos meses de Julho e Agosto. E a certeza que, juntos a Pai Américo, não esquecemos todos os nossos amigos. Alguns cortes de fazenda,

do Porto. Por alma de Pedro Luís, 50\$. Mais 100\$ do Porto. Anónimo com 500\$. Helena com 40\$, do primeiro salário. Uma carta com 3.000\$. Oferta muito apreciada, vinda de Lisboa, mas de mando de amigo de Faro, presentemente no Brasil. Foram 2 volumes com cobertores. Mais roupas do Porto, Monção, Lisboa, Covilhã e Minho II.

De acréscimos de jornais, 36\$50.

Da assinante 19332, esta carta:

«O Senhor ajudou muito os meus filhos nas lides escolares e eu, reconhecida, quero ajudar os filhos da vossa Obra, retirando às minhas medianas posses a importância de mil escudos».

Mais ainda, tudo o que nos vem por intermédio do Espelho da Moda.

Um obrigado final, por tudo o que nos dais.

Manuel Pinto

Visado pela

Comissão de Censura



Eles à padiola — em Malanje.

LOURENÇO MARQUES

Quase um ano se passou sem pormos aqui as contas do que nos dão. É um repetir quase sem interesse, porque, creio, ninguém dá para que se saiba. Se o fazemos é mais por um acto público de acção de graças e levarmos os nossos leitores à confiança em Deus que não desampara os mais caídos, antes dá, cada hora, mais vida às palavras do Evangelho. «Dai e dar-se-vos-án. Esta carta sintetiza e é prova:

«São grandes os desígnios de Deus. Em vós pensei enviando algo; algo mais veio de vós. A todos agradeço e desejo a ajuda duma oração, enviando esta

pequeníssima ajuda. Há um grande caminho de humildade a percorrer, mas começo a vislumbrar uma certeza que há muito busco.»

Deus serve-Se dos mais pequeninos, humanamente cheios de falhas e fraqueza, para levar por diante as Suas obras. Tantos que se preocupam, que vêm ao nosso encontro, que até se sacrificam, que confiam, porquê? É por Deus! Alguns até O afirmam sem darem conta. Sou testemunha de muitos casos. Procuo que os nossos Rapazes sintam este palpitar de interesse para que correspondam no aproveitamento dos meios ao seu alcance, na preparação do futuro. Não para serem os humildes e subservientes duma sociedade pródiga para uns e simultaneamente madrasta para outros; mas para adquirirem uma consciência social de bondade e justiça e amanhã responsáveis, sejam eles também fonte de bondade e justiça.

Pena tenho que a nossa Assistência Social esteja mais estruturada no remediar que no prevenir. Por via disso este ano de 1971 não recebemos ajuda alguma como esperávamos! Esvaem-se os dinheiros em pequenos auxílios a casos de miséria; acertam-se os ordenados de quem trabalha. Não contesto. Eles são de todos os dias e tenho pena de não poder dar a minha quota-parte de colaboração como fazem os nossos Padres na Metrópole. Pai Américo foi o Recoveiro dos Pobres e legou-nos a mesma chama. O Padre é evangelizador dos Pobres. Estamos, porém, na fase mais difícil da construção da Aldeia em que todas as ajudas são pouco para dar corpo à Casa do Gaiato a quem pertencemos em primeiro lugar.

Que o Natal a todos traga mais bondade e justiça.

Padre José Maria

A Venda do Jornal no Norte do País

Cont. da SEGUNDA página
há muitos e bons amigos, também. No entanto, o melhor vendedor — o camisola amarela — continua a ser o «Meno», com 600 jornais. Mas tem uma freguesia especial, sobretudo no Porto, que não lhe dá grandes maçadas... Ora o «Meno», sexta-feira trabalha o Porto e sábado vai para Cacia onde passa 100 e depois segue para Aveiro com mais 200.

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

contávamos para estes seis meses em que não temos peditórios, nem festas. Ficámos sem coragem para voltar às pocilgas.

Mais do que lastimar-nos queremos unir-nos a todos os lutadores pela criação de gado e a todos aqueles que dependem, na sua economia, das coisas da agricultura. Pobre da nossa gente do campo! Uma vida tão aventureira e, geralmente, tão ingrata! Quando se põe o esforço e entusiasmo naquilo que se vê germinar e crescer e depois tudo desaparece num instante! Como me fez bem a tristeza que senti em todos os Rapazes e que veio aliviar a minha!

Os governantes têm prometido uma certa protecção. Vê-se já algum esforço no sentido da actualização dos trabalhos agrícolas e pecuários. Contudo, a vida do agricultor continua a ser uma tremenda incerteza.

Uma pessoa amiga de Coimbra soube da «nossa desgraça» e disse. É possível que os Amigos, que têm pocilgas habitadas, nos proporcionem a matança para o ano. Pode acontecer que em Março as nossas pocilgas possam de novo encher-se de vida. Tudo é possível.

Temos de ser heróis para recomeçar. Toda a vida o homem tem de ser um recomeçar confiante. Queremos ter confiança.

Padre Horácio

Cont. da PRIMEIRA página

Cont. da PRIMEIRA página

Cont. da PRIMEIRA página

Cont. da PRIMEIRA página

Cont. da PRIMEIRA página

Muito obrigado bom amigo. O Sr. Padre fará o que entender, como disse.

Desejo a todos os leitores um Santo Natal e Ano Novo, não esquecendo, especialmente, os meus fregueses, que continuam a ser muito, muito meus amigos. Obrigado.

Jorge Alvor («Eusébio»)



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE